



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas, C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*A creanca*, conto, por Octave Mirbeau;—*Do livro de Dulce*, quadras, por Eugenio de Castro;—*Um improvisador brasileiro*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Flor de Myosotis*, por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras*;—*A Roupeta*, por Alberto Telles;—*Em familia* (*Passatempos*);—*Expediente*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*.

GRAVURAS:—*General Sá Carneiro*;—*Infanta D. Antonia*;—*O Kremlin de Kazan*;—*Balzac*.

CHRONICA

Convinha-me saber quantos são hoje.

Nada lhes posso dizer sobre a razão d'este phenomeno. Confesso mesmo que não sei porquê, mas a verdade é que, pela primeira vez na minha vida, sinto o exquisito desejo de sabêr a quantas ando.

E'-me vedado o recurso de consultar a folhinha, porque não sei em que anno estamos. Resta-me pois o expediente de acceitar, profundamente reconhecido, o que a tal respeito me disserem as pessoas das minhas relações.

Pois bem. Chefes de familia, chefes de repartição, chefes de tudo



GENERAL SÁ CARNEIRO

quanto na terra é digno de respeito e de piedade, todos tem sido unanimes em me affirmar que o sol que hoje passou no meridiano lisboeta foi o primeiro de abril.

Mas, se assim é, deve sêr pêta.

Porque o primeiro de abril, quem o não sabe? é desde muito o dia consagrado para a livre erupção da mentirola que, concentrada no nosso espirito durante mais de trezentos sessenta e cinco dias, acabaria por explodir inopinadamente, projectando no espaço, feita em cacos, a consciencia de cada qual.

Se realmente é hoje o dia 1 de abril, bem pode sêr patranha o que os chefes de familia me affirmaram; mas se não é, n'esse caso, é que é com toda a certeza.

Sêr ou não sêr! Agora entendo esta obscura passagem de Shakspeare. Está-se vendo que o terceiro acto do Hamlet foi escripto a 1 de abril. E é naturalmente por isso que o principe dinamarquez apresenta o venerando aspecto de um pantomineiro dos quatro costados.

Emfim, admittida a hypothese de que estejamos n'aquella data, hei por bem resignar-me a não saber a quantos estamos. Outro tanto, sem duvida, succede ao sr. Mendonça e Costa, que é, aliás, muito bonito homem, e que decerto não contesta que fulgiu hoje sobre nós um sol verdadeiramente primaveral.

Era tempo, tambem, que a formosa estação nos patenteasse os delicados encantos que até aqui guardava sob um chapéu de chuva. Pena é, sómente, que a Primavera, cheia de graça, nos arrebate quasi tudo o que na cidade haviamos de bom.

A Avenida vae parecendo um deserto. Os *sportmen* passam por lá de corrida. Ao que parece, as parellas das respectivas equipagens, mais russas do que o proprio czar, habituadas que vem aos gelos do norte, não arrostam sem perigo o nosso clima, na presente quadra.

Os passeiantes do *betton*, esses, já começam a sentir-se envergonhados. Olham-se a medo. Pedem-se mutuamente o mais absoluto segredo sobre o nefando facto de se haverem visto n'aquellas alamedas que, pouco antes, cerca das cinco da tarde, eram precisamente o local tacitamente approvado para *rendez-vous* de tudo o que em Lisboa ha de elegante e, nas provincias, de japonéz.

A Avenida, não ha que oppôr, é o passeio de inverno. Fôra d'isso, é uma estrada.

De inverno, sopra ali constantemente um vento de se lhe tirar o chapéu, ou de o metter pela cabeça abaixo, quando menos. Paira no ar a pneumonia. Frio como na Siberia. E' elegantissimo!

Agora, acabou-se. Tudo por lá manifesta os primeiros symptomas da semsaboria. Dentro em pouco, passarão por ali as diligencias, e nada mais.

E, comtudo, ainda hoje a Senhora Infanta D. Antonia ali esteve, apreciando, certamente pouco, esta moderna belleza da sua antiga patria, d'onde partira com saudades, deixando saudades, e onde volta alegre, ao fim de longa ausencia, para encontrar os seus compatriotas com estas tristes caras de encalmados!

A Senhora Infanta, que é sempre esperada nas diferentes côrtes da Europa, por occasião de todas as festas, e que se limita sempre a enviar, como seu representante, o principe seu esposo; a Senhora Infanta, cuja saude se oppõe a viagens de certa ordem, escuta alegremente os medicos que lhe aconselham ares patrios, e volta a Portugal, onde passeia formosa ainda, repleta ainda de vida, de coração, talvez, principalmente.

E os portuguezes, que deviam acotovelar-se na sua passagem, anciosos de saudar a portugueza excelsa, a mais gentil das Princezas; os portuguezes, selvagens, mettem-se em casa, onde passam de certo uma existencia horrorosa, lendo os jornaes e matando as moscas!

Effeitos da Primavera. Porque é ella, com todo o seu cortejo de boninas, que vem prejudicar-nos os passeios, fechar-nos os theatros, trazer-nos, em resumo, es-

se descommunal bocejo que nos acompanha de Cintra até Cascaes, n'uma constancia de morte.

Em S. Carlos, passem vossencias muito bem, são tudo despedidas. Despede-se a Bendazzi, o Valero, a Theodorini, despede-se o Valdez, não tarda nada.

Valero, por signal, fez-nos adeus á hespanhola, cantando malaguenas, mais de uma vez interrompidas pela platêa com exclamações de jubilo, tambem um quasi nada estrangeiras:

— Olé! Olé!

Vae-se fazendo pandego, o theatro lyrico. Dentro em pouco ninguem se importará do palco: as attenções do publico concentrar-se-hão de preferencia na porta da gaiola.

E comtudo, ha gosto ainda pela musica, ha musica ainda n'esta cidade de marmore.

Ou não houvesse uma Academia de Amadores, que todos os dias se revella em magnificos concertos, onde a par de uma orchestra correctissima, ha um orpheon que lhe corresponde, e onde, de quando em quando, se escuta um soprano de primeira ordem, na voz deliciosa da ex.^{ma} sr.^a D. Angela Kemp Serrão, e uma contralto excellente na ex.^{ma} sr.^a D. Marianna Bravo.

E, a proposito de musica: abre amanhã o parlamento. Diga-se porém a verdade, a proposito de dança é que isto devia coustar-me.

Seja como fôr, musica, dança ou mesmo as duas coisas, a proxima sessão parlamentar deve sahir um appetite. Para quem não tiver nada que fazer, offerece o ministerio esse pratinho.

Estou convencido de que, assistindo ás discussões que impendem sobre a atmospha de S. Bento, ha-de aprender-se muito. Inclusivamente, talvez até se aprenda a jogar o murro.

Tanto assim que o governo não escolheu os deputados pela bitola antiga. São homens fortes. E basta.

A discussão, por exemplo, sobre os acontecimentos do Porto, talvez chege a metter municipal. Tanto mais que a agitação da cidade invicta chegou a estar azeda. Nem toda a policia de lá, que aliás não é pouca nem pouco boçal, bastou para conter os operarios que, no fim de tudo, com mais ou menos promessas, hão-de ficar servidos.

De *refuerzo a Murillo*, partiu immediatamente o general Moreira, a cavallo n'um cavallo, que fez no Porto uma bonita figura, mas que naturalmente não deixa lá saudades. Em substituição porém d'estes bonitos sentimentos, sempre lá deixou algumas portas arrombadas na violencia das arremettidas.

Os presos foram para o *India*, o *India* esteve quasi a ir para o fundo, e o governo, mais dia, menos dia, é capaz de ir para o campo, a tomar ares.

Tenho pena. Eu, em politica, sou partidario dos argumentos energicos. Ora não ha nada mais energico, mais bruto, mesmo, de que um municipal a cavallo. O que é um destempero, é o cavallo ir a pé.

No meio d'esta enorme agitação, esqueceram-se de receber condignamente a sr.^a marquez Luiza e o seu futuro esposo, o sr. marquez Wolgé, que na rua Ivens, 46, recebem todos os dias.

Passa-se bem. Os marquezes, embora não estejam ainda unidos á face da egreja, são tão pequeninos, que, juntos, perfeitamente passam por uma só pessoa, o maximo.

O marquez tem 32 annos e a altura d'uma bengala regular. A marquezia é um pouco mais baixa, e tem 23 annos. Como se vê, estão ambos em plena juventude; o que não estão é muito crescidos para a idade.

Os nobres lilipucianos são, de resto, muito bem acabados.

Não sou capaz de perceber como se faz aquillo.

JJAQUIM LIMA.

A CREENÇA

E Mathews começou assim o seu depoimento:

—Pois bem, sr. presidente... acabo de ouvir toda essa gente, bons vizinhos e queridos amigos... Não me pouparam; é justo... Ah! que elles não se adiantavam tanto quando eu estava na Boulaie-Blanche, e quando não appareciam gendarmes entre elles e a bocca da minha espingarda! Não gostavam de mim, verdade seja, mas não eram tão tolos que revellassem o odio que me tinham, porque bem sabiam que se não brinca com Motteau... Agora é outra cousa. Isto faz-me encolher os hombros e rir, mesmo contra vontade... Maheu, o vesgo Maheu que veio aqui declarar que eu era um assassino, e um ladrão. Maheu, quer saber? foi quem, no anno passado na casa de venda Gravoir, matou o guarda Blandé... Não negues, canalha, que eu estava ao pé de ti... Léger, o corcunda, que despejou para ahi um montão de hypocrisias, Léger roubou, ha seis mezes, a igreja de Pantillon... Elle não terá o desdencamento de o negar... Démos o assalto, de sociedade... Não é verdade, Léger?... O sr. presidente não sabe quem torceu o pescoço ao mestre Jacquiot, quando elle voltava, á noite, da feira de Feuillet?... Por causa d'isto prendeu o sr. presidente um bando de innocentes e procedeu a averiguações sobre averiguações... Pois vou dizer-lhe. Foi o Sorel, o Sorel, que ha pouco pedia a minha cabeça... Então que é isso collega, tu não protestas?... E' que lhe não vé furo; enquanto elle estrangulava o velho, eu passava lhe revista ás algibeiras, ah! ah! ah!... Admira-se d'isto?... Mas olhe para elles!... Ah! já não estão de cabeça levantada, já não estão arrogantes, tremem, empallidecem! Parece que denunciando Motteau, de quem se queriam desembaraçar, se denunciaram a elles mesmos e que a mesma guilhotina nos cortará o pescoço, a todos...

«Sr. presidente, a verdade é esta, pode acreditar em mim... nós somos todos assim na Boulaie-Blanche. Com os diabos! isto comprehende-se!... Nem um palmo de terra em duas leguas em volta da aldeia; d'um lado urzes e do outro areia e pedra... Aqui e acolá uns alamositos e pinheiros, que não medram nem dão rebentos... Nem as couves se dignam apparecer nos quintas... E' uma terra amaldiçoada... Como querem que se viva alli?... Já seil vão-me fallar na caixa de beneficencia... Uma magnifica blague... Essa não dá nada, e quando dá alguma cousa é aos ricos... Então, como o bosque não fica muito longe, começa-se por ser caçador furtivo... A's vezes isso dá algum resultado, mas é preciso contar com a estação morta... com os guardas que procuram agarrar-nos, com os processos e com a cadeia... Valha-nos Deus! a cadeia ainda é supportavel... Dão-nos de comer e fazemos laços para os coelhos, enquanto se não põe a gente ao fresco... Queria que o sr. presidente me dissesse o que faria no nosso lugar... Ir trabalhar para longe?... Ir ajustar-se nas fazendas?... Mas quando dizemos que somos da Boulaie-Blanche é como se dissessemos que somos do inferno... põem nos fora á paulada... E então não ha remedio senão roubar... E quando uma pessoa se decide a roubar, decide se tambem a matar... Estas cousas andam sempre juntas... Eu conto lhe tudo isto para ficar sabendo o que é a Boulaie-Blanche, e que a culpa de tudo isto cabe em grande parte ás auctoridades, que nunca se occuparam de nós e que nos separam do resto dos viventes, como se fossemos cães damnados ou leprosos.

«Agora vou entrar no assumpto de que se trata.

«Ha precisamente um anno que me casei; minha mulher appareceu gravida logo no primeiro mez. Eu puz-me a pensar. E' estúpido ter de dar de comer a uma creança quando uma pessoa nem para si o tem.—E' necessario fazer desaparecer isso!—disse, um dia, a minha mulher. Mesmo ao pé de nós mora uma velha pobre que percebe d'estes arranjinhos... Em troca de uma lebre e de dois coelhos ella deu a minha mulher umas plantas e uns pós com que arranjou uma beberragem... Isso não produziu effeito algum... Fez-se a experiencia mais de vinte vezes, e nada, absolutamente nada. A velha disse-nos então:—«Não se inquietem, elle está morto e bem morto, posso affiançar-lhes que virá morto»—Como ella gosava na terra a reputação de bruxa entendida, não me apoquentei e disse para commigo:—«Está bem, nascerá morto» Mas a ladra da velha tinha mentido, como vae vér.

«N uma bella noite de luar tinha eu morto um cabrito e vinha bem contente com o animal ás costas, porque nem todas as noites se matam cabritos... Eram quasi tres horas, quando cheguei a casa... Vi luz na janella... Fiquei admirado e bati á porta, que está sempre bem fechada por dentro quando não estou lá... Não abriram... Tornei a bater e com mais força... Então ouvi como que um gemido, em seguida uma praga e depois uns passos arrastando-se sobre os ladrinhos... E o que vi eu?... Minha mulher quasi nua, pallida como uma defuncta, e toda manchada de sangue... No primeiro momento pensei que a tinham querido assassinar... Ella, porém, disse-me: «Não faças tanto barulho, imbecil; não véz que acabo de ter uma creança?—Com mil ratos!... Isso devia acontecer mais dia menos dia... E apesar d'isso esta va a cem leguas do caso!... Entrei, atirei com o

cabrito para um canto e pendurei a espingarda n'um prego:—«A o meos veiu morta?»—perguntei a minha mulher.—« Ah! veiu, sim! olha para ella! » E vi em cima da cama, entre uns trapos cheios de sangue, uma cousa que se enrolava... Olhei para minha mulher; minha mulher olhou para mim e ficámos calados durante cinco minutos... Era, porém, necessario tomar qualquer resolução.

—Gritaste?—perguntei a minha mulher.

—Não!

—Ouviste alguém na rua andar em redor da casa

—Não!

—Porque accendeste luz?

—Ainda não havia dois minutos que tinha accendido a candeia, quando tu bateste.

—E-tá bem.

«Então agarrei a creança, e rapidamente, como se faz aos coelhos, dei-lhe um valente socco na cabeça... Em seguida metti-a dentro do meu sacco de caça, e tornei a pegar na espingarda... Pode acreditar, sr. presidente, dou-lhe a minha palavra de honra, que eu nunca soube se era rapaz ou rapariga...

«Dirigi-me para a Fonte junto da Grande Pierre... Em redor, até ao horisonte, não ha senão urzes que se levantam entre montões de pedregulhos. Nem uma arvore, nem uma casa proxima, nem um caminho que vá alli ter!... A respeito de seres viventes apenas alguns carneiros que, de tempos a tempos, alli vão, e os pastores, isto quando não ha herva alguma lá em baixo nos campos. Junto da Fonte ha uma pedreira, muito funda e ha seculos, abandonada... As brechas occultam á vista as gargantas escancaradas dos poços... Era alli que eu costumava ir esconder a espingarda quando presentia os gendarmes... Quem se atreveria a aventurar-se n'este logar deserto e que muita gente julga ser frequente por almas do outro mundo?... Logo, nada havia a receiar... Atirei a creança para a pedreira e ouvi o ruido da sua queda... ploc!... Por detraz dos montes despertava a aurora...

«Entrando no caminho que vae ter á Boulaie-Blanche, apercebi, por detraz de um silvado, uma cousa parda, parecida com as costas de um homem ou de um lobo—apesar de se estar habituado, não se differença bem de madrugada—que se deixava escorregar suavemente, se abaixava, se arrastava, parava... «Hé! gritei com toda a força, se és um homem, apparece ou desfecho.

—Espera; és tu Motteau? disse a tal cousa, endireitando-se de repente.—Sim, sou eu, Maheu, e lembra-te bem de que para os curiosos ha sempre uma carga na minha espingarda.—Oh! não ha novidade. Estava a levantar as armadilhas para os coelhos. Mas diz-me lá: são só os cabritos que balam quando os matam?... —Não! são tambem os cobardes como tu, vilão zarro!—Quebrei-lhe as costas, mas, não sei porque, não desfechei sobre elle... Fiz mal, no dia seguinte, Maheu ia buscar os gendarmes.

«Agora, sr. presidente, ouça-me com attenção... Na aldeia da Boulaie-Blanche ha trinta fogos, isto é trinta mulheres e trinta homens. Já contou quantas creanças vivas ha n'esses fogos?... Ha tres... E as outras... as asphixiadas, as estranguladas, as enterradas, emfim as mortas... ja as contou?... Vá revolver a terra, lá em baixo á sombra dos alamos, junto dos pinheiros; mande sondar os poços, remover os pedregulhos, deixe o vento espalhar as areias das pedreiras; e depois na terra, debaixo dos alamos e dos pinheiros, no fundo dos poços, entre os calhaus e a areia, ha de encontrar mais ossadas de recém-nascidos do que ossadas de adultos nos cemiterios das cidades... Vá a todas as casas e pergunte a todos os homens, novos e velhos, o que fizeram das creanças que as suas mulheres trouxeram no ventre!... Interrogue Maheu, Léger, Sorel e todos, todos!... Aqui tens Maheu, bem véz que não são só os cabritos que balam quando os matam...

OCTAVE MIRBEAU.

DO LIVRO DE DULCE

Quadras

I

O teu corpo de linhas harmoniosas
Mais alvo do que o corpo das bacchantes,
Faz-me lembrar as arvores gigantes
Das antigas florestas silenciosas.

II

Como as folhas que abrigam, docemente,
Os troncos nus do sol vibrante e loiro,
O teu cabelo sensual e ardente
Cobre-te os peitos com folhagens d'oiro.

III

E a tua bócca, ó flôr dos meus desejos,
E' como um bello ninho delicioso
Onde se escuta o gorgear saudoso
De uns passaritos que se chamam... beijos!

EUGENIO DE CASTRO.

UM IMPROVISADOR BRAZILEIRO

III

O soneto, que vamos publicar agora, não é de certo uma obra prima; serve porém, mais do que qualquer outro, para mostrar a prodigiosa facilidade com que Moniz Barreto improvisava.

Morrera o famoso arcebispo da Bahia, D. Romualdo de Seixas, e na cathedral celebravam-se as suas exequias. Não vivia já para lhe recitar a oração funebre o celebre prégador bahiano João Quirino Gomes; subira porém ao pulpito, para exaltar as virtudes do prelado, um frade franciscano dotado de grande talento fr. Raymundo Nonato da Madre de Deus Pontes, e fez um discurso eloquentissimo, em que soltou esta phrase: «Eu não venho assestar contra a morte amargas queixas» Moniz Barreto estava no auditorio, e, com o seu ouvido finissimo de metrificador, percebeu que n'este pedaço de prosa havia um verso, e repetiu:

Assestar cantra a morte amargas queixas

Foi o bastante: sem um minuto de demora, e como se estivesse repetindo o que ouvia, exclamou:

Ouvi-te! ouvi-te! prégador facundo,
No sacro encomio do Pastor finado,
Pela tua eloquencia arrebatado
Todo ficára, se te ouvisse, o mundo.

Emquanto á voz do oraculo profundo
Sentia-se o auditorio escravizado,
No céu folgava o immortal Prelado,
E applaudia Quirino ao seu Raymundo.

Nos corações da triste humanidade
Tuas sagradas, lugubres endeixas
Matam a pena, ameigam a saudade.

Cheio da luz, que em teus ouvintes deixas,
Não póde—quem já crê na Eternidade—
Assestar contra a morte amargos queixas.

Já que citámos um soneto, cujo principal merecimento consiste no modo como de subito se improvisou, devemos citar outro soneto mil vezes mais perfeito, posto que também improvisado, mas para responder a um mote que fôra dado intencionalmente. O mote era o seguinte:

Isto é amor, e d'este amor se morre

Moniz Barreto glosou da seguinte maneira, e a sua glosa é incontestavelmente uma obra prima:

Ver, e no que se vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar e após elle um ai magoado;

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a cor mudar continuamente,
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais, quão mais se prive,
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é a todos nós occorre:
Isto é amor e d'este amor se vive;
Isto é amor e d'este amor se morre.

Como o titulo do nosso artigo indica, não queremos encarar Moniz Barreto senão pelo seu aspecto de improvisador; mas é certo que Moniz Barreto é digno de ser applaudido também nas poesias escriptas com mais pausa, posto que o que elle tem de verdadeiramente característico e original é a sua veia de repentista. Nas suas poesias satyricas ha porém algumas engraçadissimas: citaremos, para excerpto, apenas uma, feita no genero das famosas *letrillas* de Gongora, e que é de veras engraçada; devemos

dizer, para intelligencia das sextinas, que no Brazil, como em alguns pontos de Portugal, *ser paio* corresponde a ser palerma, ser embaçado. Agora, oiçam o satyrico:

Quem crê na belleza que ama,
Quando raivoso ciuma,
No faniquito ou desmaio
E afflicto por ella chama,
Não ha duvida nenhuma,
E' paio.

Velho com mais de sessenta
Que á meça de quinze annos,
Viva e quente como um raio
Espósa e a cabeça isenta
Julga de pesados damnos,
E' paio.

Sujeito que faz á meza
Discurso de legua e meia
Em stylo inchado e cambaio,
E de verbosa riqueza
Se inculca e se pavonea
E' paio.

O que, tratando com gente
Da patria lingua, em francez
Falla como papagaio,
E acha isso mais decente
Que fallar em portuguez,
E' paio.

Quem hoje ainda porfia
Em colher no Pindo flores
E leva, de Maio a Maio,
Sempre c'o a bolsa vasia,
E' o que eu sou, meus senhores,
E' paio.

Mais que as letras vate a treta,
Sò esta dá lauta meza,
Casa, cavallo e lacaio,
Quem faz vida de poeta
Acabando na pobreza,
E' paio.

O que temos citado mostra bem as notaveis qualidades poeticas do illustre repentista brasileiro. Muito teriamos que dizer também de seu filho, poeta de primeira plana, e que n'este livro consagrado ao talento e á memoria de seu pai dá exuberantes provas do seu altissimo merecimento.

Um dos caracteriticos d'este livro, e não podemos deixar de o notar, porque é um symptoma digno de observação, um dos seus principaes caracteristicos é a energia com que defende a descentralisação, e o relevo que Moniz Barreto procura pôr á gloria da Bahia.

Quando descreve a Bahia do tempo em que seu pai era o centro de todos os enthusiasmos, falla o sr. Rosendo Moniz em outras das glorias da sua terra, nos talentos que se apinhavam nas Assembléa Provincial, entre os quaos resplandeciam o do dr. João Mauricio Wanderley, hoje barão de Cotegipe, e o de Rodolpho Dantas, que também tem figurado com brilho em varios ministerios brasileiros. Cita os professores da Faculdade de Medicina, entre os quaes brilhavam. Ataligra e Malaquias dos Santos. Falla sobretudo nos poetas, que nenhuma outra cidade do Brazil os teve mais notaveis.

Ha entre os escriptores bahianos tres, que realmente bastavam para dar gloria á sua terra natal—Castro Alves, Junqueira Freire, e Agrario de Menezes. Este ultimo foi perfeitamente um prodigio. A sua biographia é extraordinaria, porque principia antes do seu nascimento. Agrario de Menezes nasceu, sem ninguem suspeitar, a não ser uma pobre mulher do povo, que sua mãe estivesse grávida, nem sua mãe também o sabia. Os medicos tratavam a sua gravidez como se fosse uma doença, e o que valeu ao futuro poeta foi terem os medicos considerado sua mãe perdida, de forma que a abandonaram e deixaram-n'a fazer tudo quanto ella quiz.

Ao cabo de nove mezes nascia Agrario, com grande surpresa da Faculdade de Medicina, que, pelo que se vê, não merece extremamente o elogio que o sr. Rosendo Moniz lhe dirige.

Agrario de Menezes viveu só 29 annos, mas deu provas de notabilissimo talento, e foi sobretudo um author dramatico de primeira ordem.

Castro Alves é um poeta extraordinario. As suas *Espumas fluctuantes* são um livro admiravel. A morte veio também cortal-o em flor, mas os versos que elle deixou bastam para abonar o seu talento,

Junqueira Freire é bem conhecido pelo seu talento enorme, pela sua morte prematura, e pela sua existencia claustral, tanto em contradicção com as aspirações do seu espirito. Também esse se mostra mais bahiano que brasileiro, quando pôz na bocca da sua cidade natal estes formosissimos versos, vibrantes de enthusiasmo:



INFANTA D. ANTONIA

Sou indio, sou virgem, sou lindo, sou debil
E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis!
Sabei, bravos tapes, que eu sei com destreza
Cravar minhas settas no peito dos reis.

Quem viu-me nas liças, quem viu-me covarde
Dos silvos da flecha quem viu-me escoar?
Eu sou como a onça, pequeno e valente,
Eu sei os perigos da guerra affrontar.

As minhas façanhas espantam aos tapes,
Invejam-me todos as altas façanhas:
Si ellas são como penhascos gigantes,
Si ellas são como brazifeas montanhas!

Si ellas não curvam-se ao mando dos homens,
Si ellas conculcam despoticas leis,
Si ellas humiliam a frente aos tyrannos;
Si ellas abalam o throno dos reis.

Meus membros são debeis qual junco flexivel,
Meu pé tão mimoso—dizeis—tão maneiro!
Meu pé tão mimoso—sabei que elle esmaga
O collo possante do vil estrangeiro.

Como são deliciosos, vibrantes, entusiasticos esses versos não é verdade? E respiram, sobre tudo, um amor interno e apaixonado, quasi rendido não á grande patria brasileira, mas á pequena patria, ao cantão.

O Mouiz Barreto sentia tambem o mesmo. Entre nós quasi nunca se sabe de que terra é um grande escriptor, ou um grande estadista. E' portuguez e isso basta. No Brazil a provincia reivindica-o com energia e soffreguidão. E' esse o sentimento que dicta os versos consagrados por Moniz Barreto a um illustre bahiano, o visconde de Rio Branco.

Os clamores contra a centralisação, as queixas do desprezo com que é tratada a Bahia (*colonia tornou a ser*, diz amargamente Moniz Barreto) vibram em cada pagina d'este interessante volume. D'zia Lacordaire que em Hespanha palpitam os antigos reinos; parece-me que se pode dizer tambem que no Brazil palpitam as antigas capitánias, e que a Bahia sobretudo, a capital primitiva, não pode ainda hoje resignar-se á supremacia do Rio de Janeiro.

E' essa uma das impressões que resultam da leitura d'este interessante e curiosissimo livro.

PINHEIRO CHAGAS.

FLOR DE MYOSOTIS

Vae apparecer dentro de poucos dias á venda esta bello romance, finamente burilado pela penna elegantissima e fecunda de Alberto Pimentel, o brilhante ciuzelador dos *Idyllios dos reis* e da *Rainha sem reino*.

Offerecendo hoje ás nossas gentis leitoras uma das mais formosas paginas da *Flor de Myosotis*, julgamos prestar lhes um serviço e proporcionar-lhes alguns momentos de leitura agradabilissima, pelo que ellas de certo nos ficarão reconhecidas.

«As paixões politicas apojavam em vagalhões frementes. Os odios partidarios accendiam-se em chammias abrasadoras.

D. Carlota Joaquina morrera, rainha e imperatriz, a 7 de janeiro de 1830. Expirára contente e feliz, cuido em torno do leito da agonia a voz aduladora dos cortezaos do filho, que lhe chamavam a Nova Helena.

Ella mesma sahira do mundo, que tanto havia agitado, murmurando ao despedir-se de D. Miguel:
— Adeus, minha joia! Adeus, meu amor!

Um forte partido, impondo-se pelo terror do cacete e da forza, traduzia em cantares fanaticos, em que Deus era solidario com D. Miguel, o seu enthusiasmo por essa joia real, cujo nome fôra o derradeiro murmúrio dos labios da rainha.

Os melros cantam nos valles,
Os canarios no viveiro,
Os anjos cantam no ceu:
«Viva D. Miguel primeiro!»

Deus, segundo a crença do povo, protegia a pessoa de D. Miguel, e citava-se até o facto do rei ter partido na a perra na estrada de Queiz para Caxias, ficando sem defeito.

D. Miguel é bonito,
E' bonito e be feito.
Quebrou as pernas,
Ficou sem defeito!

Se Deus conservava o rei, a despeito das picardias das mulas *malhadas*, era porque o queria no throno, para sustentaculo da religião.

Mas o diabo, o eterno reprobado, conspirava contra a realza miguelista protegida por Deus.

Conquanto na ilha Terceira D. Miguel tivesse fervorosos partidarios, os liberaes conseguiram desembarcar dando a acção de Pico do Celleiro.

Havendo conquistado a ilha, baluarte que o oceano defendia, poderam os liberaes sabir victoriosos do bloqueio que lhes pozera a esquadra de D. Miguel.

Foi essa a famosa victoria, chamada da Villa da Praia, de que restam hoje dois hymnos, um poema de A. I. Gentil, e uma poesia de Almeida Garrett incluída nas *Flores sem fructo*.

Mas porque o poder de Deus não fosse facil de aniquilar, os presos liberaes atulhavam os carceres. Nas cadeias da Relação do Porto havia muitos, que escassamente se alimentavam com a magra receita proveniente dos aoneis e cordões de piassá que entreteciam.

D. Pedro, forçado pe as circumstancias, abdicára em seu filho a corôa do Brazil a 7 de abril de 1831, e, depois de ter apostolisado a sua causa por França e Inglaterra, desembarcára na ilha de S. Miguel a 22 de fevereiro de 1832.

O seu desembarque n'aquella ilha fôra saudado com grande enthusiasmo, de que ainda hoje possuímos vestigios n'estas e outras trovas patrioticas:

Salve, cidade ditosa,
Que em teu seio recebeste
O Dador da Liberdade,
Para nós um bem celeste.

Salve dia vinte e dois
Do mais curto mez do anno,
Tu trouxeste a nossos lares
O libertador sob'rano.

Seria, porém, sobremodo fastidioso narrar n'uma novella todos os acontecimentos que decorreram desde o desembarque de D. Pedro na ilha de S. Miguel até ao seu desembarque no continente, junto ao Mundello.

Quando o Faria entrou nos quartos do morgado, encontrou-o sobre o leito, arrojante, com a cabeça afogada no travesseiro, chorando.

Tomou-lhe das mãos: escaudavam.

Pediu-lhe que se recolhesse á cama, e o velho não oppunha resistencia nem dava resposta.

Então o Faria chamou dois creados para que ajudassem a despir o morgado, que automaticamente se deixou erguer e despir.

Quando o Faria ponde ver a physionomia do morgado, estremeceu. Estava congestionada: os olhos injectados, as faces escarlates, e pelas commissuras dos labios rompiam filcos de espuma.

Pozeram-n'o carinhosamente na cama, e o Faria correu a chamar o cirurgião.

Os dois creados ficaram velando o leito.

O morgado, n'uma quietação de cadaver, tinha os olhos cerrados, e de vez em quando gemia. Ao cabo de meia hora, começou a dizer palavras desconexas: Filho... castigo de Deus... tudo perdido... a pobre creança... o pentieiro... *aquella mulher*...

Queria talvez referir-se, por esta designação, á morgada do Pico.

De vez em quando estralejava com a lingua contra os labios crestados pela febre.

Tinha sede.

Perguntaram-lhe se queria agua, e o morgado respondeu.

— Agua... sim... agua... Faria.

O Faria ainda não tinha voltado, mas os creados deram-lhe agua com limão.

Levantaram-lhe a cabeça, passando um d'elles o braço esquerdo ao pescoço do amo.

O morgado quiz abrir os olhos e não ponde: as palpebras pesavam lhe.

B-beu soffregamente e, reposto na posição horisontal, pareceu mais tranquillo por algum tempo.

Chegou o cirurgião, examinou-o, e disse que o estado do morgado era grave, que fossem chamar o filho.

Os creados olharam uns para os outros sem saber onde podessem encontrar D. João Sodré.

O facultativo receitou, recommendou para a botica a maior brevidade noçaviamento das drogas e disse ao Faria que voltaria duas horas depois, porque decerto seria preciso sangrar o doente.

O Faria, quando ouviu este prognostico, considerou o amo perdido.

N'aquelle tempo a sangria era de applicação vulgar, mas só se sangrava em casos extremos: quando se tinha muita saude ou quando se não tinha nenhuma.

Por isso o Faria concluiu, e concluiu bem, que não se dando o primeiro caso, devia dar-se forçosamente o segundo.

D. João Sodré chegára entretanto, e ficara tristemente surprehendido.

O Faria contára-lhe que o morgado recebera a morgada do Pico, e que, depois d'ella ter sahido, o encontrara assim.

D. João comprehendeu parte do que se tinha passado: a morgada havia mostrado a carta que elle lhe escrevera.

Arrependeu-se da sua imprudencia, mas o facto estava consummado.

Approximou-se timidamente do leito do pae.

— Meu pae! dissera a medo.

O morgado conheceu lhe a voz.

— Filho!... querido filho!... dissera.

Este tratamento carinhoso surprehendeu D. João Sodré.

— Filho!... querido filho!... Não tens culpa... E' Deus que me castiga... Perdão te... E que Deus me perdõe.

Ouvindo estas extranhas palavras, D. João Sodré debruçou-se sobre o corpo immovel do pae chorando n'um grande effusão de ternura.

Medeiaram alguns minutos de silencio.

O morgado, continuando a estralejar com a lingua contra os labios resequidos, pronunciou algumas palavras já outra vez desconexas:

— O pentieiro... a filha... Deus... castigo... misericordia... el-rei nosso senhor!...

Espalhou-se rapidamente na villa a noticia de que o morgado de Sande tivera uma congestão. A morgada do Pico, quando a soube, ficou n'uma excitação, que se não era remorso, era pelo menos arrependimento. Accusou a fraqueza do seu proprio coração, a loucura do seu amor, e aquella mulher forte, altiva, cruel ás vezes, chorou algumas lagrimas fechada no quarto da hospedaria em que se alojára.

O morgado de Sande fôra sangrado e medicamentado segundo as praxes therapeuticas da epocha.

Experimentara com este tratamento energico alguns allivios, abrira os olhos, podera concatenar algumas palavras mais desembaraçadamente.

Pedira ao filho que lhe deixasse ver a neta.

O cirurgião oppoz-se, mas o morgado insistiu dizendo que não havia dentro d'aquellas paredes quem desejasse suavisar lhe a agonia da morte.

Veio ao palacio de Sande a Creixomil, e trouxe a filha ao collo.

O morgado fitou-as com um olhar profundo, quando a mãe se acceceu do leito com a filha nos braços.

Pediu que lhe aproximassem dos labios a creancinha e fez menção de a beijar; mas os labios, engrossados e asperos, collavam-se.

A Creixomil chorava, e D. João Sodré ajoelhára á beira do leito.

Vendo que a demoravam na escurição da alcôva, a creança comçára a chorar, e o cirurgião ordenou que a retirassem.

Sahiram para a sala mãe e filha.

O morgado pedira agua pouco tempo depois, repetira o pedido.

— E' c que eu previa, disse o cirurgião ao ouvido de D. João Sodré, a febre recresce.

Meia hora depois, a excitação cerebral do doente era enorme.

O assistente redobrára de applicações, mas ás dez horas da noite, como o estado do morgado se tornasse muito grave, pediu conferencia.

Junta de medicos, se dizia n'aquelle tempo.

A's nove horas da manhã do dia seguinte fez-se a conferencia, cujo *verdictum* foi que o doente estava perdido.

De feito, expirava ao meio dia.

A morgada do Pico, que desde a vespera não tornára a sair do seu quarto, onde os outros hospedes toda a noite lhe sentiram os passos, logo que a noticia da morte do morgado se espalhou pela villa, mandou apparelhar o cavallo e partiu.

AS NOSSAS GRAVURAS

INFANTA D. ANTONIA

A princeza D. Antonia nasceu a 17 de fevereiro de 1845, no

palacio das Necessidades, e quinze annos depois celebrava-se na capella d'aquelle mesmo palacio o seu conorcio com o principe Leopoldo de Hohenzollern-Sigmaringen, irmão da lastimada rainha D. Estephania, mulher do desditoso D. Pedro V. A 18 de setembro de 1860, acompanhada das saudades affectuosas e dos votos sinceros dos portuguezes, deixava a sr.^a D. Antonia a patria, seguindo viagem até Antuerpia na corveta «Bartholomeu Dias» do com-

mando de seu irmão o infante D. Luiz, hoje rei de Portugal. Seu esposo, o príncipe Leopoldo de Hohenzollern, nasceu a 22 de setembro de 1835; é filho primogenito do príncipe outrora reinante de Hohenzollern-Sigmaringen. Este principado está hoje incorporado nos domínios da Prússia, cuja dynastia actual é um ramo illustre da familia de Hohenzollern, elevada em 1701 á cathedra real na pessoa de Frederico, 1.º conde de Hohenzollern, burgrave de Nuremberg e eleitor de Brandeburgo. É general de infantaria prussiana e chefe do regimento de fuzileiros de Hohenzollern, n.º 40. Foi um dos candidatos á corôa de Hespanha, sendo a sua candidatura uma das causas que motivaram a ultima guerra franco-prussiana.

Suas altezas tem tres filhos: o príncipe Guilherme, herdeiro, nascido a 7 de março de 1864, e hoje tenente do 1.º regimento da guarda a pé prussiana; Fernando, que nasceu em Sigmaringen no dia 24 de agosto de 1865, e é tambem tenente d'aquelle regimento; e Carlos Antonio, nascido no dia 1 de setembro de 1868.

GENERAL SÁ CARNEIRO

Damos hoje o retrato de um dos primeiros generaes portuguezes.

O sr. José Paulino de Sá Carneiro poderia ter conquistado a sua hierarchia militar pela antiguidade, pela promoção natural: o que elle não conquistava era o prestigio de que dispõe no exercito, se não fossem as suas qualidades, a sua subida intelligencia e o seu grande tacto.

O sr. Sá Carneiro tem uma gloria grande e incontestavel: o seu superior merecimento é reconhecido por todos os partidos, todos lh'o aproveitam.

Subiu os postos deixando em cada um d'elles o bom nome de um militar brioso, disciplinado, disciplinador e sempre coherente nos seus principios.

Como commandante d'um corpo, conquistou a fama não simplesmente d'um coronel, mas d'um chefe de familia estimado e respeitado.

O regimento 7 de infantaria, que elle commandou durante alguns annos, não via no sr. Sá Carneiro simplesmente o seu commandante: os soldados, respeitando-o como era respeitado o pae da familia antiga pelos que lhe enchiam o lar, curvavam-se quasi que com reverencia quando o commandante ordenava.

Promovido a general de brigada, houve-se, nas diversas commissões de que foi encarregado, com intelligencia não vulgar.

Nomeado commandante da 3.ª divisão militar, o sr. José Paulino de Sá Carneiro evidenciou ahi todas as suas grandes qualidades de disciplinador, de tactico, de homem que tem estudo da vida e que conhece todo o alcance das commissões de maior importancia.

Foi assim que, generalizando na divisão a instrucção militar mais conveniente e mais altamente provadora da competencia de quem a dirigia, conquistou ao mesmo tempo as sympathias da alta sociedade portuense, a boa vontade do governo e a consideração da corôa. Outro tanto tem sabido conseguir no commando da 1.ª divisão.

O general José Paulino foi, como os leitores sabem, encarregado da honrosissima missão de representar El Rei junto do imperador Guilherme, na entrega da espada de honra com que o nosso monarcha brindou aquelle soberano.

Agora, o governo acaba de lhe conferir uma nova honra, fazendo com que o sr. José Paulino fosse eleito par do reino.

O KREMLIN DE KAZAN

Kazan é nos mappas geographicos o ponto em que a Europa se liga á Asia. A fronteira está a trinta leguas mais longe, junto dos Urals e do rio do mesmo nome; mas a linha real em que a Russia e a Tartaria se encontram, em que a igreja e a mesquita se abrangem com o mesmo olhar, são as margens do Volga interior, desde o mar Caspio até á cidade de Kazan. Esta fronteira está situada a este de Bagdad.

Kazan, colonia fundada por Bokhara, posto avançado de Kbiwa, era antigamente a séde d'um kanato faustoso; ainda é hoje, aos olhos dos asiaticos effeminados e ferozes, o limite occidental da sua raça e da sua fé. Sob o ponto de vista do logar e do aspecto, esta antiga cidade é extremamente bella, principalmente no tempo das cheias, quando a limpida agua, que corre junto das suas muralhas, se torna n'um lago immenso. Uma montanha de crista denticulada, que os poetas umas vezes tem comparado a enorme vaga, outras vezes á garupa d'um cavallo, ergue-se ao longo do rio. Ali está *Kremlin*, o castello; é escarpado, armado de canhões; as muralhas que o cercam são coroadas de torres e de cupulas. Para além ergue-se um formoso planalto coberto por algumas

ruinas d'antigos edificios e de torres; um jardim e um *chalet* alem aquella paisagem. O sopé da montanha é banhado pelo lago Kaban, extensa e sombria bacia, nas margens da qual está construido o quarteirão industrial e commercial da cidade, onde os negociantes compram e vendem. Cada um dos bairres de Kazan tem um caracter architectonico particular. O kremlin tem um cunho christão; a rua Alta é essencialmente germanica. Uma formosa e antiga porta tartara, que tem o nome de Torre de Soyonbeka, está em frente da cathedral, mas a cidadella foi em grande parte construida depois da conquista do Khanato pelas tropas d'Ivan IV. O bairro baixo da cidade é povoado pelos filhos do islamismo, descendentes de Batou Khan.

BALZAC

Honoré de Balzac, um dos romancistas francezes mais fecundos e mais originaes, nasceu em Tours, em 1799. Depois de ter completado os primeiros estudos em Vendôme, foi a Paris, em 1820, formar-se em direito.

O homem que devia mais tarde vér as suas obras traduzidas em todas as linguas, que devia ser o iniciador da escola realista, começou a sua carreira por escrevente de tabellião, carreira que abandonou depressa, para se entregar ás letras, que eram todo o seu enlevo.

Os primeiros passos litterarios de Balzac não foram felizes, e alguns pequenos romances que elle publicou sob diversos pseudonymos, não lhe alcançaram nem gloria nem interesses.

Foi em 1828 que Balzac publicou o primeiro livro com o seu verdadeiro nome e que alcançou um certo successo. Esse livro intitulava-se «Les Derniers Chouans.»

Em 1831 appareceu a sua famosa «Physiologia do Casamento», que o levantou completamente da obscuridade, fazendo-o conhecido não só como um escriptor de primeira ordem, mas tambem como um fino e minucioso observador.

Depois e em curtos intervallos, Balzac escreveu, «La Femme de trente ans, la Maison du Chat qui pelote, le Bal de Sceaux, le Pere Goriot, la Peau de Chagrin, Louis Lambert, Eugenie Grandet, le Médecin de Campagne, la Recherche de l'absolu, etc., etc., etc., que foram lidos com a maior avidéz por todas as classes da sociedade, que encontravam n'esses romances, além de um merito real, um completo estudo pathologico do coração e do espirito humano.

Todos os romances de Balzac foram escriptos sempre sob e inspiração do momento e sem idéa ou designio premeditado; mas mais tarde, quando viu nas suas diversas composições ter pintado um certo numero de faltas, de vicios e de miserias da sociedade, teve então a pretensão de formar de todas as suas obras um monumento grandioso, que representasse a vida humana em todas as suas phases.

Foi assim que o auctor reuniu conjunctamente todos os seus escriptos, sob o titulo commum, «La comédie humaine», dividindo-se em tres partes: 1.ª «Etudes de moeurs»; 2.ª «Etudes philosophiques»; 3.ª «Etudes analytiques.»

Balzac, como todos os grandes talentos, teve sinceros e devotados admiradores, e tambem um ou outro critico que, não podendo deixar de prestar homenagem á maravilhosa riqueza da sua imaginação, á profunda sagacidade com que elle observava sempre o coração humano até aos seus menores reconditos, e á habilidade verdadeiramente anatomica com que dissecava os typos que lhe cahiam debaixo da penna, lhe censuraram a escolha d'esses mesmos typos.

Arrastado pela ambição dos ganhos que offerece o theatro, Balzac ensaiou tambem alguns trabalhos d'esse genero, mas as suas comedias não alcançaram successo, o que se explica facilmente, porque sendo a acção scenica um quadro muito restricto, era-lhe impossivel o fazer ahi desenvolver todas as qualidades que tanto distinguiram os seus romances.

Balzac vae finalmente ter em Portugal a sua consagração. Uma empresa propõe-se agora fazer traducção da *Comedia Humana* e em condições economicas de tal ordem, que difficilmente se resistirá á tentação de assignar para semelhante publicação.

As traducções dos diversos romances foram confiadas a Barros Lobo (Beldemonio) um traductor que entre nós não tem rival, como o demonstram as suas magnificas traducções de Zola.

Damos hoje o annuncio da publicação *Comedia Humana* e para elle chamamos a attenção dos nossos leitores, podendo assegurar-lhes que vimos a primeira folhas e que além da extrema correcção da traducção, admiramos a elegancia e a barateza da edição e o luxo e bom gosto das capas de percalina.



BALZAC

A ROUPETA

(EXCERPTO DO CAPITULO III SOBRE A EXPULSÃO DOS JESUITAS)

I—Primeiras ordens.—Contemplação do governo com alguns jesuitas fidalgos.—II—Evacuação dos collegios de Faro, Evora, Portalegre e outras terras transtaganas.—Jornada para Azeitão.—III—Saída dos jesuitas de Santarem.—IV—Primeiro embarque no brigue S. Nicoláo.

No dia 28 de maio de 1759 D. José I firmou dois decretos que, sendo na apparencia de pouca monta, eram na realidade de summa importancia. Um determinava que o provedor da Junta do Commercio, José Francisco da Cruz, fretasse um navio grande para transportar a Civita Vecchia até cento e cincoenta pessoas, «de sorte que não fique a menos de tres tonelladas para cada uma;» e o outro que Antonio dos Santos Pinto, thesoureiro dos sequestros feitos em consequencia da sentença de 12 de janeiro d'aquelle anno, entregasse ao dito José Francisco da Cruz «tres contos e oitocentos mil reis para um particular do meu real serviço de que não ha de dar conta.» Este particular, como logo iremos vendo, era a primeira leva de jesuitas para os estados do papa.

Correram tres mezes em completa tranquillidade até ser dada a lei da expulsão dos jesuitas no primeiro anniversario da mallograda tentativa de regicidio.

Só então occorreu o primeiro acto d'esse drama violento que em Lisboa e por todo o reino passou nas trevas; que assim o transporte como o embarque e a sahida dos jesuitas foi tudo feito a horas adiantadas da noite.

Mas, n'esse lance, talvez o mais arriscado de sua vida, a dureza de alma de Sebastião José de Carvalho e Mello, já então conde de Oeiras, ¹ foi singularmente temperada pela fraqueza congenere á condição humana. Quem diria que o adversario formidavel do clero e da nobreza, ao mesmo tempo que separou da mó dos proscriptos os que deviam ficar no reino, em razão do seu abominavel e conhecido orgulho ², consentiu benevolo em que não fossem expulsos outros por causa dos parentes que se empenhavam fortemente com D. José I para elles não deixarem a patria? ³ Pois foi esse justamente um dos seus primeiros cuidados ao tractar-se da expulsão dos jesuitas; e na verdade assim veio a succeder com cinco fidalgos, filhos segundos, que tinham vestido a roupeta de Santo Ignacio e com um pobre velho, Felix da Veiga, «decrepito e bom homem,» segundo rezam as notas do severo homem de estado.

Eis aqui os nomes e circumstancias d'esses que ainda podames dizer mimpos da fortuna em tão aziagos dias.

¹ 6 de junho de 1759.

² Estes, denominados *intrepidos*, foram destinados a apodrecer nas masmorras.

³ —«ou por alguma attenção que sua magestade queira ter com os parentes d'aquelles que se não acham pessoalmente convencidos de reos do execrando crime de lesa-magestade.» —*Papeis da chancellaria do marquez de Pombal.*

Da casa professa do S. Roque:

Padre Felix da Veiga—para o convento de religiosos menores reformados da provincia de Santa Maria da villa de Torres Novas.

Padre João de Noronha, filho do conde dos Arcos,—para o convento de religiosos da ordem dos prégadores da villa de Pedrogam Grande.

Do Collegio de Santo Antão:

Padre Diogo da Camara, irmão do conde de Aveiras, D. Duarte,—para o convento de carmelistas descalços da serra do Bussaco.

Padre Francisco de Portugal, irmão do marquez de Valença,—para o convento de carmelistas descalços da villa de Figueiró dos Vinhos.

Padre Joaquim Xavier, filho do conde de S. Miguel,—para o convento de religiosos da ordem dos prégadores da villa de Amante.

Do Noviciado da Cotovia:

Padre Nuno da Cunha, irmão do conde de Povolide,—para o convento de carmelitas descalços da villa de Vianna do Minho.

E' porque a benignidade em nenhuma maneira exclue a prudencia, merecem especial menção as cautelosas providencias com que se fez a translacção de todos esses religiosos. Tres desembargadores, sendo dois da Casa da Supplicação, o corregedor da Rua Nova, um bacharel e outro agente do valido foram encarregados da extracção de cada um dos ditos regulares de suas respectivas casas, e recolhendo cada qual em uma sege, de o conduzir ao ponto que lhe fôra marcado «*via recta*», e com todo o possível resguardo, evitando toda a publicidade nas estradas e na entrada do convento, cujo prior tinha ordem de receber o desterrado nos termos seguintes: «e o conserve separado de toda a communicação, ou seja verbal ou de cartas, com todas as pessoas de qualquer estado e condição que sejam; prohibindo-lhe o uso de tuteiro e a conversação externa; sem que com tudo deixe de ser tratado com toda a caridade e decencia por conta do mesmo senhor (o rei), que tem dado a este respeito todas as providencias.»

Os desembargadores Luiz Ignacio da Costa e Affonso da Silva, da Casa da Supplicação, conduziram os padres Diogo da Camara e Francisco de Portugal; o desembargador Manuel de Mourão Botelho o padre Joaquim Xavier; o corregedor da Rua Nova o padre João de Noronha; o bacharel Luiz Gomes de Faria o padre Felix da Veiga, e Gregorio Dias da Silva o padre Nuno da Cunha.

II

A esse tempo haviam sido já expeditas ordens terminantes para os jesuitas de maior graduacção ou de ordens sacras evacuarem os Collegios de Evora e de outras terras transtaganas. Pois é certo que em fins de agosto estavam n'aquella cidade os desembargadores Agostinho de Novaes Campos e Jeronymo de Lemos Monteiro, incumbidos de tomar conta dos jesuitas que haviam ir de Faro, Beja, Elvas, Portalegre e Villa Viçosa para alli se reunirem aos do Collegio eborense e seguirem todos logo depois o mesmo destino.

O ouvidor da comarca de Faro foi quem recebeu a ordem de conduzir immediatamente a Evora os jesuitas que alli havia, em numero de doze, ao passo que o governador e capitão general do reino do Algarve, D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, era prevenido para dar ao mesmo ouvidor não só o auxilio militar que fosse necessario, mas ainda toda a direcção para se fazer essa diligencia com regularidade. Recommendava-se especialmente que os religiosos expulsos, tanto no egresso como durante a jornada, não tivessem communicação alguma com pessoas seculares, e bem assim que, sahindo á noite de Faro, tambem por noite entrassem em Evora. Para nada lhe escapar, o precavido secretario de estado dos negocios do reino acrescentava em *post-scriptum* ao ouvidor:—«Tambem sua magestade ordena que vossa mercê encarregue entretanto a custodia do Collegio, donde devem sahir os ditos religiosos, e a egreja d'elle a qualquer pessoa ecclesiastica, que faça continuar o culto divino na mesma egreja, cumprindo com as obrigações d'ella e da conservacção do mesmo Collegio até que sobre esta materia se possa dar outra mais ampla providencia.»

Ordens semelhantes tiveram o corregedor da comarca de Elvas e o sargento mór de batalha, Manuel da Costa Zuzarte de Brito, a cargo de quem estava o governo das armas da provincia do Alemtejo, para levarem a Evora os jesuitas de Elvas, que eram dez. Para lá foram tambem onze de Portalegre, oito que estavam em Villa Viçosa, e um de Beja. Vinham, portanto, a ser quarenta e dois com os de Faro, que ao desembargador Novaes cumpria receber e recolher no Collegio de Evora.

Pouco tempo lhe durou esse cuidado, porque apenas chegara, logo partiu com elles e quasi outros tantos d'aquella cidade, servindo-se das mesmas bestas e carroagens em que os primeiros tinham vindo, e de mais algumas que foram necessarias; seguindo todos de noite, bem escoltados por cavallaria do regimento de dragões, aquartellados em Evora, na direcção de Benavente pela estrada de Montemor-o-Novo. Eram ao todo oi-

tenta regulares da Companhia de Jesus, dos quaes dez estudantes de theologia.

E' inutil referir que durante todo o trajecto os presos não tiveram communicação alguma com quaesquer pessoas, e que esta prohibição foi mandada observar rigorosamente ao commandante, officiaes e soldados da escolta.

Esperavam o desembargador Novaes em Benavente o juiz de fóra da comarca com o de Salvaterra e o juiz do crime de Santarem que fôra para lá mandado com quatro bons e grandes barcos, dos que ordinariamente vinham a Lisboa com passageiros e carga. Tinha-os embargado na Ribeira o corregedor de Santarem fretando-os aos dias pelo maior preço que costumavam ganhar e até com algum favor sobre elle em compensação do discommodo do embargo.

Saltaram para um dos barcos com alguns soldados o desembargador Novaes, o juiz do crime de Santarem e os principaes jesuitas, dividindo-se os restantes por outros dois barcos, em cada um dos quaes ia seu ministro, a saber, os juizes de fóra de Benavente e de Salvaterra. Cumprindo as ordens recebidas, chegaram defronte de Lisboa á noite, e vindo á fala de um escaler ao mar do guindaste da Ribeira das Nãos, o desembargador Novaes deixou os barcos ao cuidado dos outros magistrados, e dirigindo-se ao caes alli concertou com o desembargador João Ignacio Dantas Pereira, corregedor do crime da corte e casa, sobre o transbordo dos jesuitas para os escaleres que n'essa mesma noite os levaram pela ribeira de Coima a Azeitão, onde está situada a quinta que pertencera ao ducado de Aveiro, ora convertida em casa de custodia dos regulares da Companhia, que tivessem de sahir do reino.

III

Alguns dias depois foram mandados a Santarem os desembargadores Ignacio Alves da Silva Freire e José Carvalho de Andrade para os jesuitas de profissão solemne e os que já tivessem as sagradas ordens evacuar tambem o Collegio d'aquella villa, hoje cidade. Eram portadores de um aviso destinado ao corregedor de Santarem para que este, não só fosse buscar os referidos ministros, mas cumprisse com toda a cautela as diligencias que elles lhe declarassem, sem pôr duvida de que resultasse a menor dilacção. E tinham as seguintes instrucções:—embargar e apromptar dois barcos com o pretexto que melhor parecesse para se guardar segredo do fim com que eram embargados;—transportar para elles os religiosos mencionados na relação que levavam, regulando as cousas de sorte que não tivessem communicação alguma com quaesquer pessoas, fosse qual fosse o seu estado ou condição;—prover os barcos de todo o necessario mantimento e aguada para que não carecessem de portar em alguma villa;—embarcarem de noite e partirem de Santarem com os jesuitas, devendo estes ser conduzidos poucos de cada vez para os barcos, em cada um dos quaes viria um desembargador;—chegarem a Lisboa depois de anoitecer, dilatando-se sobre ferro em qualquer dos baixos de Marvilla, a esperar a noite, se necessario fosse, e a favor da mesma noite virem á fala de um escaler ao mar do guindaste da Ribeira das Nãos, em que estaria o desembargador Dantas Pereira, com as ordens que deveriam executar. E que para tudo se achar prompto despachassem o escaler em que tinham ido para Santarem, dando conta por um expresso a toda a diligencia do dia e hora da partida e d'aquella a que, pouco mais ou menos, chegariam a Lisboa; cumprindo-lhes antes de tudo mandar no escaler com toda a cautela e debaixo de custodia do juiz de fóra de Santarem ou de outro seguro ministro o padre Vicente de Seixá, dirigido ao desembargador José Antonio de Oliveira Machado.

Os dois magistrados podiam requerer ao commandante do cerco posto ao mesmo Collegio desde o fim do anno antecedente o auxilio que julgassem preciso de officiaes e soldados (que sempre deveriam ser poucos e escolhidos), e, no falso presuppuesto de se recolherem as tropas, tinham ordem de embargar todos os barcos na Ribeira para que nenhum d'elles pudesse sahir no dia immediato á partida dos jesuitas.

IV

Achava-se tudo preparado para se fazer na mesma occasião o embarque de alguns jesuitas de Lisboa, de Santarem e dos que estavam em Azeitão, d'onde vieram pela ribeira de Coima para o porto de Lisboa.

Era meado setembro.

Batiam onze horas da noite em que tinham chegado os religiosos expulsos de Santarem quando os desembargadores José Henriques da Maia e Manuel José da Gama e Oliveira, ambos a cavallo, se apresentaram com oito seges de aluguel sem campainhas á portaria de S. Roque; o desembargador Manuel Ignacio de Moura, em companhia do seu collega Carlos Antonio da Silva Franco, tambem a cavallo, no collegio de Santo Antão, com quatro seges; e com tres o desembargador José Pereira de Moura á porta do Noviciado da Cotovia.

Os dois magistrados, incumbidos da casa professa de S. Roque, puzeram dois padres em cada sege, e ao lado duas sentinelas tiradas da guarda que desde o mez de dezembro de 1738 cer-

cava aquelle edificio. E d'este modo, com toda a segurança, mas sem ruidoso apparato, os conduziram á ponte da Casa da India, onde foram entregues ao desembargador Dantas Pereira, que tinha ordem para os receber, e fez na sua relação as descargas competentes.

O desembargador Pereira de Moura, encarregado do Noviciado da Cotovia, trouxe da mesma forma, nas seges guardadas por sentinellas, os religiosos d'aquella casa, que iam tambem para bordo.

Apenas effectuada a entrega dos padres de S. Roque, os desembargadores Maia e Oliveira partiram logo para Santo Antão com as suas oito seges para auxiliarem os collegas Moura e Franco na conducção dos detidos n'aquelle Collegio, o que se fez com toda a promptidão, realisando-se n'essa mesma noite, em que se contavam 16 de setembro de 1759, o embarque de todos elles no primeiro navio ragusano, capitão José Orebich, fretado pelo governo para transporte de jesuitas.

O corregedor do crime, escoltado por soldados de infantaria e de cavallaria, para impedir que se juntasse povo na praia do embarque, era quem mandava os jesuitas para bordo, onde estavam, para os receber e matricular, os desembargadores Estevam Pedro de Carvalho e José de Seabra e Silva, acompanhados tambem de força militar para se fazerem obedecer e mandarem effectivamente sabir o navio, apenas chegados os ultimos religiosos.

Eram cento e trinta e tres ao todo: onze de S. Roque, vinte de Santo Antão, sete da Cotovia, vinte e seis de Santarem, e sessenta e nove de Evora, Faro, Beja, Elvas, Portalegre e Villa Viçosa.

De uma gravura ordinaria, em que é mal representado o conde de Oeiras, no acto de receber a noticia do primeiro embarque dos jesuitas, sabe-se ter sido o brigue S. Nicoláo o navio que os levou. E dizem alguns escriptores que elle foi comboiado até Gibraltar por uma não de setenta peças.

ALBERTO TELLES.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA CONIMBRICENSE

Não precisa,—creia em tal—
Calc'los fazer,
P'ra, na prima vertical,
Profissão ver.

Agora não está mal,
Logo verá,
Que a segunda vertical
Saquinho dá.

Nunca a horisontal primeira
—Note o que digo;—
Dé p'ra as mãos—isso era asneira!—
Do seu in'migo.

Agora é mui natural,
Que seja lido
Na segunda horisontal
Certo tecido.

A primeira diagonal
D'este aranzel,
Affirma que é de metal
Qualquer anel.

Sou recruta, ai! o signal,
Tudo desmancho,
—E a segunda diagonal?
—Tocou ao rancho!...

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA EM TRIANGULO

. . . . E' de si'a, assim me affirmam,
. . . . E com temor respeitada.
. . . . Dizem que é interjeição,
. . . . E vogal; eu não sei nada!

E tanto não sei,
Que um breva fumando,
A decifração
Cá fico esperando.

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho

(Ao ex.^{mo} sr. João Corrêa Garcia da Trindade)

Na igreja, sim, lá e-tá 5, 3, 2, 9, 10
Ninda que seja animal! 6, 10, 3, 4, 5
Emulher tambem terá 1, 8, 3, 2
Eritando—peccado mortal! 6, 3, 8, 9, 2
Epare bem, a nau tem 6, 10, 6, 8
Este bello instrumentol 7, 2, 3, 6, 8
Eá veneno vê tambem 4, 10, 4, 2,
Endar mais que um momentol 7, 10, 3, 2

Eu d'este animal não gosto 1, 8, 6, 10
Eó em casa do lavrador! 1, 5, 9, 2
Erilha, doe e dá des_osto 1, 10, 4, 5
Efronte d'este senhor! 4, 8, 3, 2

Olhe, veja, medita tem 9, 5, 1

Boa d-usa mas horrentel 6, 8, 3, 4, 2
Busma tôia aqui tambem! 4, 2, 1, 4, 8
Bô agora—um parentel 1, 5, 9, 3, 10
Bnda falta constellaçã! 8, 3, 9, 5, 1
Bogo adverbio lhe dou! 2, 9, 5, 3, 8
Brral pastor! cêrca, tem maol 6, 8, 3, 5, 4, 7, 5,
Bão mais de dozel Acaboul 9, 3, 10, 1, 8

Este logogripho tão lindo,
Tão lindo que parece o iris,
E u letras gordas vai dizendo
Que—na igreja—'stá o busilis.

J. SOARES

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Ricardo—Grammatica—Limão—
Jamais—Parede—Calino—Arminho—Aurea—Salada.

DA CHARADA CONIMBRICENSE: — co ca
lo ta

DOZ LOGOGRIPHOS:—Cortezia—Camellia.

DO ENIGMA:—O amor seria sem duvida uma grande coisa se
não houvesse necessidade de o declarar, curiosidade de o ouvir,
e receio de o perder.

PALACIO.

EXPEDIENTE

Enviaram a decifração exacta do logogripho posto a premio no ultimo numero do nosso semanario, os srs. José Mendes de Gouvêa, d'Alcantara; Miguel Paes Antunes e R-i Chiquito, do Porto; João Antonio Carqueira, d'Almada, e Antonio Maria Fernandes, de Santa Comba Dão, cabendo o premio a este ultimo.

A RIR

Entre uma menina de oito annos e sua mãe, que pretende persuadil-a de que as creanças nascem debaixo das couves.

—Ora! exclama a creança com ares de entendida, sei perfeitamente d'onde veem as creanças.

—E d'onde veem, senhora sábia?

—Veem das senhoras...

—E quem te disse isso? pergunta a mãe admirada.

—Foi a Ave Maria, mamã!

Um esculptor mediocre tinha um dia, entre as suas mãos, a mão aristocratica de uma encantadora dama.

Quando a dama se retirou, um sujeito disse ao artista:

—E' a unica obra prima que tem saído das suas mãos.

UM CONSELHO POR SEMANA

TECIDOS IMPERMEAVEIS

Dissolve-se: gelatina, 1.000 grammas; sabão neutro, 1.000 grammas; agua, 3½ litros. Junta-se-lhe 1.500 grammas de alumen. O sabão e o alumen decompõem-se mutuamente.

Depois de ferver a mistura por espaço de um quarto de hora, deixa-se esfriar a 60 graus centigrados; mergulha-se bem o tecido, escorre-se, secca-se perfeitamente, lava-se com cuidado e cylindra-se.

H. DE BALZAC

A COMEDIA HUMANA

TRADUZIDA POR BELDEMONIO

(EDUARDO DE BARROS LOBO)

Com a publicação da grande obra de Balzac em portuguez, nós temos a consciencia altiva de quem vae emprender uma obra de justiça e de reparação. Vamos apresentar aos olhos de um publico inteiro os documentos da gloria que cerca o nome do mais profundo analysta da alma humana. Esse immortal e glorioso nome de Balzac, tão citado como testemunha em todos os processos psicologicos, sempre que ao tribunal da consciencia publica é chamado um coração ou uma vaidade, um odio ou um amor, um heroismo ou um crime,—vae emfim, perante o publico portuguez, fazer a justificação da sua gloria e da sua immortalidade,—já que uma triste especulação, nos nossos processos habituaes de commercio de livraria, abandonou o trabalho são d'esse genio em beneficio de insignificancias assignadas por nomes vergonhosos. Era triste pensar que se introduziam à força, no espirito publico do nosso paiz, as phantasias idiotas dos Montépin e dos Escrich, e que da obra colossal de Balzac apenas uns dois ou tres livros se tinha ousado trasladar para portuguez, ainda assim como que a medo, pelo simples e desinteressado amor da Arte. Ora isto significava, porventura, que se não tinha o nosso publico por bastante educado para comprehender a obra de Balzac;—mas essa causa não existe hoje, que uma nova geração tomou completamente o logar da antiga, surgindo com uma orientação de ideaes e de gostos tal, que subitamente os velhos vicios das nossas predilecções litterarias se acharam localizados n'uma roda inferior. Ao cabo de tantos annos de lucta, é forçoso confessar que a chamada «geração nova» conseguiu fazer a regeneração justiciera de processos litterarios que no romance,—por exemplo, se ti-

nam abandonado até á simples intriga crivada de alçapões e portas falsas, por onde se serviam personagens impossiveis. Essa litteratura, hoje nem como passatempo é tolerada:—se ainda vive, é n'uma classe subalterna á qual as classes illustradas a abandonaram, pouco mais ou menos como a um antigo conviva desacreditado se dá de jantar... na cosinha.

A *Comedia Humana* é a obra capital d'este seculo, porque é a unica onde uma sociedade inteira se espelha, tão real e verdadeira na sua representação litteraria como se a tivessemos sob os nossos olhos. Nunca nenhum romancista levou tão fundo a sua critica, nem foi tão justo nos seus julgamentos. O grande nome de Balzac, consagrado por cincoenta annos de estudos que analysaram a sua obra sob todas as suas faces, n'uma admiração sempre crescente reclamava entre nós a homenagem que lhe vamos emfim prestar, publicando em portuguez toda a *Comedia Humana*.

E justamente porque o nome de Balzac, fulgurante da gloria tão pura que lhe creou o seu genio, deve estar ao abrigo das tristes especulações a que o nosso publico foi acostumado com trabalhos de romancistas mediocres,—não recommendamos a presente edição áquelles que buscam nos livros os enredos complicados, as aventuras de forte sensação, os venenos inverosímeis e as escadas de corda,—productos insalubres de cerebros doentios. A nossa empreza dirige-se áquelles que, pelo estudo, pela observação, pelo bom gosto, repellem essa trapagem indigna de qualquer litteratura onde se preze a dignidade da Arte.

A *Comedia Humana*,—titulo colectivo sob o qual Balzac reuniu todos os seus variadissimos trabalhos, divide-se em muitos romances que publicaremos com a maxima regularidade até sua conclusão total, principiando pelo romance intitulado :

A MUSA DO DEPARTAMENTO

(SCENAS DA VIDA PRIVADA)

A traducção d'este romance, como a de todos os outros que compõem a COMEDIA HUMANA, foi confiada a **Beldemonio**

EDUARDO DE BARROS LOBO

Um dos talentos mais provados da moderna geração, que não tem rival como estylista e cujas traducções sempre primorosas e correctas são lidas com interesse pelos entendidos.

A edição da *Musa do Departamento* é completa em um só volume.

A COMEDIA HUMANA será publicada em Lisboa e Porto ás cadernetas semanaes de 96 paginas e nas Provincias e Brazil aos volumes mensaes de 300 paginas approximadamente cada um.

A Empreza fornecerá por um preço baratissimo uma elegante capa de percaline vermelha e oiro, aos assignantes que desejem receber os volumes encadernados.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A edição da COMEDIA HUMANA será publicada em Lisboa e Porto ás cadernetas semanaes de 96 paginas pelo preço de

60 RÉIS CADA UMA

5 réis cada folha de 8 paginas, ou — aos volumes elegantemente brochados a

200 RÉIS

Nas Provincias só se aceitam assignaturas aos volumes pelo preço de 220 cada um, franco de porte.

Por esta fórma a edição portugueza fica tão barata como a mais barata edição franceza.

As assignaturas podem começar em qualquer volume sem inconveniente para os assignantes, porque não ha nenhuma ligação essencial entre os diversos romances que constituem a *Comedia Humana*.

VOLUMES ENCADERNADOS

A empreza fornecerá, aos senhores assignantes, os volumes elegantemente encadernados em percaline vermelha e oiro, custando a encadernação 100 réis por volume.

Os assignantes de Lisboa e Porto receberão portanto os volumes encadernados, por 300 réis, e os das provincias por 320 réis, franco de porte.

Assigna-se em Lisboa nas livrarias do costume e no escriptorio da Empreza, travessa da Queimada, 33, Lisboa.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Rodrigo de Mello Carneiro Zagalho, travessa da Queimada, 33, Lisboa.



OLYMPIA & CO.

O KREMLIN DE KAZAN